

# Minto, logo existo<sup>1</sup>

Radmila Zygouris

**Nota** Agradecemos a Beatriz Martinho Azevedo e Adriana Barbosa Pereira pela sugestão do artigo. Este texto foi originalmente publicado em *Epistolettre* nº 25, 2002. Atualmente, está disponível em <https://www.radmila-zygouris.com/je-mens-donc-je-suis/>. E também no site da autora ([radmila-zygouris.com](http://radmila-zygouris.com)), a partir das seguintes seções: “Conférences et textes”, “L’Imparfait – Epistolettres – 1983-2007”. Todos os textos são acessíveis gratuitamente.

**Resumo** Neste texto, originalmente escrito em 2002, a psicanalista francesa Radmila Zygouris situa a mentira como um recurso psíquico que protege o sujeito frente à indocilidade do objeto e da realidade. Retirando-a de uma lógica moralizante, traz distinções entre a mentira ordinária, a do mítômano e a do psicótico. Traça, sobretudo, uma diferença fundamental entre a mentira da criança e a do adulto, localizando-as em planos distintos e propondo uma outra leitura sobre a inocência da criança, destituindo-a do ideal de pureza que por vezes lhe é atribuído no discurso social. Por fim, Radmila aponta semelhanças no recurso psíquico à mentira com o ato de criação e a capacidade de fantasiar uma outra realidade.

**Palavras-chave** mentira, criança, psicanálise, princípio de concepção, criação.

**Radmila Zygouris** é psicanalista francesa de origem iugoslava. Foi membro da Escola Freudiana de Paris até sua dissolução por Lacan, em 1980. Durante esse período, foi co-fundadora da revista de psicanálise *L’Ordinaire du Psychanalyste*, publicada em Paris entre 1973 e 1978. Escreveu vários livros, entre os quais *Ah! As belas lições!*, *Pulsões de vida*, *Nem todos os caminhos levam a Roma* e *Psicanálise e psicoterapia*, traduzidos para o português. Foi entrevistada pela *Percurso* em 1996 e 2010; ambas as entrevistas figuram no livro *Psicanálise Entrevista*. Atualmente, vive e trabalha em Paris.

**Tradução** Beatriz Martinho Azevedo e Renato Mezan

- 1 N. T.: Revisão técnica de Adriana Barbosa Pereira.
- 2 N. T.: Embora a autora mencione os anglo-saxões, fazendo referência ao termo “self”, em nenhum momento do texto usa a palavra em inglês. Motivo pelo qual optou-se aqui por traduzir “Soi” para “Si”.

Nossos pensamentos nos protegem. Como um tecido imaterial, nossos pensamentos fazem uma interface entre a vida nua e a crueldade do mundo. Igualmente, nossos pensamentos nos fazem sofrer. Basta evocar as autorrecriações do melancólico ou as lembranças traumáticas para se convencer disso, mas em última instância nós temos apenas nossos pensamentos como proteção última, tanto contra os ataques vindos do exterior como os do interior. Nossos pensamentos protetores são de todos os tipos; dentre eles, alguns estão a serviço da mentira. A mentira é uma produção do pensamento. Todo mundo sabe mentir com mais ou menos talento, e isto desde a infância. Alguns dizem que os psicóticos não sabem mentir. É falso: suas mentiras são simplesmente de uma natureza menos adaptada à realidade comum. Do ponto de vista da moral, é errado mentir, e às vezes até criminoso.

Mas uma criança que não sabe mentir é preocupante. Pois é uma criança que não sabe se proteger. A mentira é a invenção por um sujeito de uma realidade que não existe, seja por fabulação pura e simples, seja pela negação de uma realidade existente. Mentir protege o sujeito. Do ponto de vista da metapsicologia freudiana, trata-se de proteger o Eu (*Moi*). Para usar a linguagem dos anglo-saxões, pode-se dizer que se trata de uma atividade do Si (*Soi*)<sup>2</sup> para proteger o Eu de uma dependência perigosa. Deste ponto de vista, não estamos na lógica do recalque, mas sim na esfera do íntimo. Pode-se bem frequentemente encontrar razões inconscientes que levam alguém a mentir. Se a própria atividade de mentir é consciente, as razões que levam a mentir são frequentemente de ordem inconsciente.

Com exceção de mentira necessária para proteger a sobrevivência em situações de perigo real, o mais comum é nos depararmos com



*a mentira mais ordinária  
emerge da construção consciente  
de uma ficção, e nisto se distingue  
radicalmente do delírio*

alguma fragilidade narcísica. O que se chama de mentira inconsciente se parece com o desconhecimento.

A mentira mais ordinária emerge da construção consciente de uma ficção, e nisto se distingue radicalmente do delírio. O sujeito não acredita nela. Entretanto, encontra-se uma zona de incerteza na mitomania. Acontece de o mitômano acabar acreditando em suas próprias fabulações, e sua fragilidade narcísica é patente. Nele a mentira é literalmente adorno e prótese do Eu, graças à qual ele se torna – a seus próprios olhos – amável para o outro. O mitômano recorre à mentira sem ser levado a ela por qualquer necessidade externa; suas mentiras são aparentemente gratuitas, e é isto que o distingue do mentiroso ordinário. Este último mente por uma razão visivelmente útil. Como a criança que fez uma besteira e conta uma lorota para escapar da punição.

Se a mentira simples é a roupa que protege do frio, a narrativa mitomaniaca é o adorno que fará brilhar uma roupa às vezes inexistente. O mentiroso sabe por que mente. Ainda que a verdadeira razão possa lhe escapar e ser inconsciente, o mitômano não sabe o que o leva a fabular. “É mais forte do que eu”, diz ele, e também: “Saiu sozinho”. “Eu quis me fazer de interessante” é a explicação corrente e superficial. O mitômano é fabulador por uma necessidade que lhe escapa e que o faz tomar riscos contrários a seus interesses. A fabulação “espontânea” do mitômano, que por vezes surpreende a ele mesmo, é uma forma de pensamento criador, como o do romancista que escreve histórias sem saber de onde elas lhe vêm, de certa forma prontas para serem escritas, vindas de um lugar onde “isso pensa” nele. Resta

então a escrita propriamente dita, ou seja, todo um trabalho do qual o mitômano escapa.

Muitas mentiras bastante simples, utilitárias, saem também desta maneira rápida, não premeditadas, a partir de um “isso pensa”. Contudo, elas têm um objetivo evidente: salvar a própria pele, ou pelo menos parte dela. Ao contrário da mentira premeditada, preparada, a mentira espontânea – seja a do pequeno mentiroso ou a do mitômano – emerge do pensamento alucinatório, como toda ficção, como toda narrativa que inventa uma realidade que não existe.

Em análise, temos o hábito de procurar causas naquilo que ocorreu antes do atual. É preciso ter nascido na mentira para se comprazer com ela? Não necessariamente, mas acontece, pois há transmissões de mentiras. Mas há um detalhe: podemos chamar de mentiroso aquele que repete sem saber disso?

Certas crianças nascem em uma mentira, e desde o início têm de lidar com uma história truncada, uma realidade que as condena – estejam elas conscientes disto ou não – a se tornar verdadeiras escravas da decifração. Muitos sofrimentos, patologias graves, têm sua origem na não-fiabilidade do entorno<sup>3</sup>, que transmite uma mentira por vezes de geração em geração. Frequentemente, temos que lidar na clínica com os danos da mentira, com as múltiplas feridas da memória das quais sofrem alguns pacientes. Cabe ao analista se transformar em detetive em relação aos antepassados, cuja reputação ele precisará às vezes manchar para salvar o prejudicado de uma linhagem de “mal ditos”.

Se uma descendência pode padecer de uma mentira transmitida consciente ou inconsciente, o primeiro mentiroso, aquele que está na origem da mentira, não deve por isso ser condenado. É preciso entender o que leva alguém a mentir.

Às vezes, mentir é a única maneira de sobreviver. À vergonha, ao opróbrio, ao medo de perder o amor do outro. Há famílias em que se vê bem como pode nascer e desabrochar uma aptidão para mentir além do razoável. Mas não é sempre o caso, e não é verdade para todas as mentiras.

E a mentira da criança? Ela é a mesma e é diferente, porque a criança é dependente do adulto, e suas mentiras se inscrevem, na maior parte dos casos, em relação a esta dependência. Não que suas motivações sejam necessariamente diferentes; ou também ela mente para não perder o amor do outro, sua dignidade, ou por medo, e também ela mente para salvar seus prazeres proibidos. Uma das mais belas mentiras de criança está no filme de Truffaut, “Os Incompreendidos”<sup>4</sup>, onde o pequeno Doinel chega atrasado na sala de aula, e sem saber o que dizer como desculpa, lança: “Minha mãe morreu”. Esta mentira é perigosa, ultrapassa a zona do plausível, e protege muito mal seu protagonista.

A criança também pode ser pega em uma repetição infernal e familiar, na qual apenas a mentira parece constituir uma arma de luta conhecida. Mas a questão permanece: como nasce a possibilidade da mentira?

Onde se origina a competência de mentir?

Eu gostaria de separar a atividade de mentir de qualquer consideração moral. Abordar a mentira como uma criação da mente fora de qualquer julgamento quanto ao seu valor e aos seus usos.

Mentir é a atividade mental mais próxima da invenção e do “*fantasieren*”. A mentira é prima-irmã da brincadeira, de todas as brincadeiras que começam por: “Faz de conta que...”<sup>5</sup>

Toda mentira tem uma função. Uma das mais comuns é a função utilitária: mente-se para se encobrir... O bebê não mente porque não fala. Ele pode ter artimanhas, mas a artimanha não é a mentira. Uma vez adquirida a fala, mesmo

3 N. T.: Em Frances, “*entourage*” designa também o meio, o círculo do convívio de alguém, seus familiares e pessoas próximas.

4 N. T.: Título original: “*Les 400 Coups*”.

5 N. T.: No original, “*On dirait que...*”. Em tradução literal, “diria-se que” ou “diríamos que”. A expressão é usada tanto para dizer de algo que aparenta outra coisa, que “parece que”, quanto para dar início a uma situação de faz de conta.

»  
*a mentira tem como fonte a invenção de uma outra realidade, a serviço do Princípio do Prazer mais do que a serviço do Princípio de Realidade*

de forma rudimentar, a criança é capaz de mentir. Ele não precisa aprender. Mentir faz parte de suas descobertas pessoais, como o brincar. Salvo que a mentira, mesmo para o pequenino que quer esconder uma besteira que fez, envolve um risco: o risco de ser desvendado. Mesmo muito pequena, a criança que mente sabe que seu parceiro pode se tornar um inimigo para o que pretende fazer, o que não é o caso no brincar.

A mentira é fabricação de uma narrativa, de uma outra narrativa. E mesmo a mentira minimalista, como a que consiste em responder “não” no lugar de “sim” à pergunta: “foi você que comeu o chocolate?”. Esse simples “não” mentiroso supõe como pano de fundo uma narrativa possível, uma narrativa que justifica esta negação da realidade “verdadeira”.

Em alemão, duas palavras distintas enunciam a realidade: a “*Wirklichkeit*”, mais próxima da verdade, diferente da “*Realität*”, que designa a realidade, e em Freud a realidade psíquica.

A mentira tem como fonte a invenção de uma outra realidade, a serviço do Princípio do Prazer mais do que a serviço do Princípio de Realidade. (*Realitätsprinzip*: para quando a invenção de um *Wirklichkeitsprinzip*?).

Desde bem pequeno, o humano começa sua vida na Terra inventando uma outra realidade. Por mais satisfatória que seja a capacidade de adaptação materna às necessidades da criança, haverá sempre um intervalo no qual virá se alojar a insatisfação, origem de toda fabulação posterior.

Ao falar do Princípio do Prazer, Freud nos familiarizou com a noção de objeto alucinado. O objeto alucinado seria em suma o primeiro objeto criado pelo pensamento. A mentira articulada



*o objeto alucinado, objeto  
de espera, vem duplicar  
o real do objeto da satisfação.  
É um duplo melhorado*

tem sua fonte no saber a diferença entre o real, o possível e o plausível. A mentira é a invenção do possível, de um real plausível para um outro. Estas diferenças não são evidentes, e, na psicogênese, se constituem progressivamente através da separação entre o objeto alucinado e o objeto da realidade. Entre o mundo interior e o mundo exterior, entre devaneio (*rêverie*), percepção e consciência. A mentira, como toda criação, é ultrapassagem ou evitamento do Princípio de Realidade, a serviço do Princípio do Prazer. Para ser mais complexo, seria necessário fazer intervir um terceiro princípio, que eu havia chamado de Princípio de Concepção, além do Princípio de Realidade, princípio que regeria a criação, e – por que não – a aptidão a mentir, a fabricar ficções, sem, no entanto voltar ao único Princípio de Prazer.

## O objeto dócil

O objeto alucinado, objeto de espera, vem duplicar o real do objeto da satisfação. É um duplo melhorado, e é no processo de melhoria do objeto alucinado em relação ao objeto real da satisfação que se situa a primeira verdadeira produção mental do pequeno ser humano<sup>6</sup>. Ela está na invenção da diferença, entre o objeto alucinado melhorado e o objeto real. De alguma forma, o objeto alucinado é constituído pelos traços mnêmicos deixados pelo objeto da satisfação (teoricamente perdido para sempre) e pela melhoria atribuída ao traço do objeto real.

Parto da hipótese de que a mentira tem sua origem na competência alucinatória do sujeito, portanto, na fabricação do objeto alucinado desde os

primeiros meses de vida. Esta capacidade alucinatória é desde o início ligada ao Princípio de Prazer, frente à rudeza do Princípio de Realidade. É justamente esta primeira ancoragem no sistema prazer-desprazer que mais tarde estará em ação no recurso à mentira como meio de proteção subjetiva. A mentira está essencialmente a serviço do Princípio de Prazer, mas abre caminho, está relacionada com a competência conceitual, a competência para criar o que ainda não existe (Princípio de Concepção). É em parte por causa da sua ancoragem no Princípio do Prazer que ela é tão severamente julgada, para além de qualquer consideração moral. Ela diz: “Quero gozar sem entraves. E sobretudo sem o entrave da sua realidade”. Outros dirão que é uma recusa de castração. Mas seria pular etapas rápido demais, recorrer rápido demais a lugares comuns. Trata-se sempre de melhorar o objeto alucinado em relação ao objeto real.

De que natureza é a melhoria? De todos os tipos, sem dúvida, e do tipo mais íntimo que jamais conhecemos. Mas podemos pelo menos supor um: que o objeto alucinado terá uma qualidade que o objeto da realidade não terá: a docilidade. O objeto alucinado é dócil em relação aos desejos de seu criador, enquanto o objeto da realidade, mesmo o mais satisfatório, é sempre, em um momento ou outro, insuficientemente dócil. É, aliás, essa falta de docilidade que leva a recorrer à alucinação.

Em análise, vemos isto quando o paciente chega e diz: “Fiz minha sessão antes de chegar, na minha cabeça. Falo com você mais facilmente, lhe conto um monte de coisas que não encontro na sua presença”. Isso se junta aos devaneios amorosos, onde se diz e se faz ao outro o que se quer. É nisso que a mentira e a alucinação estão próximas dos devaneios e das fantasias, salvo pelo fato de que enfrentam um destinatário real, e devem levar em consideração o que é plausível – o que já é uma grande limitação e exige todo tipo de competências conceituais e sociais.

Levanto também a hipótese de que em algumas crianças (mais do que em outras) uma realidade atual faz surgir em alguns momentos a nostalgia do objeto dócil. O fato de serem mimados

ou não, não é um critério distintivo, coisa que os pais, mesmo os melhor analisados, parecem ignorar. “Ele tem tudo o que quer”, dizem como qualquer pai tolo. A mentira, assim como o furto da criança, está no cruzamento do social e do íntimo.

### Um si escondido<sup>7</sup>

No que antecede a mentira e a mitomania, existem razões diversas, e dentre elas o fato de que alguns sujeitos – e isto está presente desde a infância – só podem sobreviver graças a um “si escondido”. Este si escondido é a condição para a sua sobrevivência psíquica, que não poderão confiar a ninguém, pois eles mesmos nem sempre têm consciência disso. Masud Khan escreveu sobre isso coisas muito interessantes. São assim processos inconscientes, anteriores à mentira, que é consciente. Estes processos inconscientes e a existência de um si escondido não devem ser confundidos com as causas da própria mentira.

### A inocência da criança

Atualmente há um grande retorno à crença na inocência da criança. Estamos no grande território da estupidez. Querem lavar a criança de qualquer sexualidade, de qualquer obscenidade. O que se entende por “inocência” da criança? A criança tem pulsões muito fortes, quer gozar com o mínimo possível de entraves. Não é, portanto, inocente, deste ponto de vista. Tampouco pelo fato de que não poderia mentir. A criança mente, e não precisa aprender a mentir. Mente espontaneamente quando seu sistema de prazer é ameaçado. Não precisa se identificar com nenhum pai mentiroso. Ela sabe mentir por si mesma, não precisa de um mestre para isso. Nasce com a competência para

6 N. T.: No original, “*petit d’homme*”, expressão francesa que designa a criança enquanto uma versão pequena do humano, dando ênfase ao aspecto geral próprio à espécie humana.

7 N. T.: No original, “*Um soi caché*”, como na obra de Masud Khan intitulada “*Hidden Salves*”.

»  
*a criança pode assim  
mentir e permanecer “inocente”;  
ela perde sua inocência  
quando vê o adulto mentir.*

falar, mesmo que sejam necessárias condições que atualizem essa competência inata; mas são condições muito gerais do ambiente humano. O mesmo vale para a mentira. A criança nasce com a habilidade de mentir, desde que tenha adquirido um certo grau de maturação. E, no entanto, não é errado invocar uma inocência da criança. Então, no quê ela é inocente? A maioria das crianças mente em um momento ou outro. Esta capacidade é aliás o sinal de que sabem se proteger, se abrigar, para obter algo que desejam ardentemente.

Mas há uma inocência particular na infância: não é, porém, a ausência de mentira – é a sua credulidade. As crianças acreditam no que lhe é dito. Não supõem que o adulto seja mentiroso. Elas mesmas podem mentir, sabem que estão em desvantagem pela relação de forças entre elas e os adultos. Uma criança pode assim ser tanto mentirosa quanto crédula. Porque a credulidade e a capacidade de mentir não surgem das mesmas funções psíquicas. A mentira se enraíza na tentativa de tornar o objeto dócil, a credulidade se baseia na crença de que o adulto, sendo mais forte, está à altura dos seus próprios desejos.

A criança pode assim mentir e permanecer “inocente”; ela perde sua inocência quando vê o adulto mentir. Aí o mundo da infância desmorona. E muitas crianças sabem, inconscientemente e conscientemente, que não devem acreditar em certos adultos, que o adulto mente; mas aqui são condições particulares, como as que podem ser encontradas nas famílias “com segredos”. Descobrimo o adulto que mente, a infância desmorona, porque a criança não é a guardiã de lei. Frente à lei, a mentira da criança não tem o mesmo estatuto que a do adulto. É o adulto que é o guardião e o garantidor da lei.



*a confissão arrancada  
pela ameaça ou chantagem afetiva  
é a violação deste espaço íntimo,  
do qual a criança não tem  
necessariamente consciência*

Se ele mente, se mente gravemente e a criança toma consciência disso, a lei vacila. A criança não pode nunca ser considerada como transgressora, mesmo se faz coisas transgressivas. Só o adulto pode ser culpado de transgressão.

O que levará a criança à mentira é a nostalgia do objeto dócil, que lhe garante um espaço próprio, inviolável (acredita ela) e secreto, uma morada íntima. Isso não significa que ela viva apartada em um devaneio perpétuo. O recurso à mentira é assunto de um instante, um momento revelador deste caminho secreto e inconsciente que faz sinal àquele que pode ouvir. Significa que há um processo em curso contra a invasão de uma realidade que deve ser mantida à distância. O recurso à mentira em crianças, sem excluir as mentiras utilitárias mais banais, é um equivalente à barreira protetora contra a intrusão do outro em seu mundo interior.

### O duelo da mentira

Na mentira há um duelo entre os dois protagonistas: o que mente e o destinatário da mentira. Lembro de uma criança muito pequena, não mais de três anos, que tinha feito xixi no chão, e – negando a evidência – dizia à sua mãe, com um ar malicioso: “É água”. Em segundo plano, há um discurso que ela não sabe manter, e que diria mais ou menos: “Não, você está enganada. Esta poça de água aos meus pés, não fui eu quem fez xixi, você sabe que eu estou limpa...”, etc. Ela mal sabe falar, não sabe dizer tudo isso, porém já sabe mentir. “É água...” Já sabe, de forma confusa, que sua pequena mentira implica em um mundo à parte. O mundo onde

a mãe acredita que a criança fez xixi no chão não é o mesmo no qual acredita que alguém derramou água no chão. Um mundo exclui o outro. Toda mentira implica uma relação de forças. O meu mundo contra o seu. O mundo da sua realidade, e o meu mundo povoado de objetos doces.

Mais tarde, na adolescência, muitos outros interditos entram em cena, o sexual entre outros, e a relação de força pode se tornar violenta, ou mesmo insustentável. Um dos dois deve se curvar, e não é bom para ninguém se curvar. Alguns não se recuperam de terem sido forçados à confissão.

Um paciente me dizia: “Para mim, o inferno tem duas figuras: a exigência de transparência e um mundo feito exclusivamente de artistas”. Era um artista!

### A confissão

A confissão arrancada pela ameaça ou chantagem afetiva é a violação deste espaço íntimo, do qual a criança não tem necessariamente consciência. A confissão pode aliviá-la, permitindo-lhe recuperar a benevolência do adulto (pois não é fácil manter o segredo da mentira), mas fica o rastro consciente da humilhação de ter cedido, de ter abdicado, e o rastro inconsciente do abandono do domínio imaginário do objeto, a perda do objeto dócil. Algumas lembranças de confissão são literalmente traumáticas, e me pergunto se, além da humilhação consciente que elas representam, não é a renúncia à onipotência infantil e à faculdade alucinatória que constitui a ferida, ferida de reviver a descoberta da perda do objeto dócil. E essa perda não será tão grave quanto a de um ser amado? Porque na verdade é disso mesmo que se trata.

Se a confissão é extorquida, se as ameaças forem pesadas demais e a necessidade de manter um si escondido for demasiado importante, então restará para a criança ou para o adolescente apenas o último refúgio: seu corpo, o orgânico. No inventário dos silêncios do corpo, tudo pode servir como biombo. As afecções da pele, a falta de ar nos pulmões, o vazio ou o cheio demais do

estômago, que não devem ser analisados como somatizações histéricas, e sim como o último refúgio, o último recurso quando a mentira falha em sua função protetora, de manter o traço<sup>8</sup> de um objeto dócil, significando a renúncia a uma atividade em suma criadora. Só o corpo ainda é capaz de funcionar como barreira quando o pensamento já não atua mais como proteção, quando a mentira é inoperante para dar lugar a outra realidade, a fim de que haja dois mundos, e não mais um único, o do inferno da transparência. Onde corpos e almas são entregues à curiosidade sexual infantil sobre os pais, ao seu medo social, ou à raiva de suas próprias mentiras escondidas.

O arrancamento pela confissão nada tem a ver com a busca durante uma análise, à qual analista e paciente se dedicam para encontrar um motivo secreto, cujo lugar e cujo destino tentarão explorar juntos.

Para terminar, aqui estão duas histórias de mentiras analisadas por Freud.

### “Duas mentiras infantis”

Vocês conhecem, sem dúvida, essas duas mentiras de criança relatadas por Freud. Trata-se das lembranças de infância de duas pacientes adultas. Nos dois casos, Freud chega – mas será surpreendente de sua parte? – a uma significação edípica.

Recordo alguns elementos. No primeiro caso: “Uma garota de sete anos de idade (no segundo ano escolar) pediu algum dinheiro ao pai, a fim de comprar tintas para pintar ovos de Páscoa. O pai se recusou a dar-lhe dinheiro, argumentando que não o tinha. [Ressalto desde já que Freud não assinala esta mentira do pai, porque é evidente que ele mente à criança dizendo-lhe que não tem dinheiro para essa pequena compra]. Pouco depois ela lhe solicita dinheiro

8 N. T.: No original, “*creux*”, que neste caso pode ser traduzido por marca, pegada, impressão, aquilo que carrega um formato impresso, tal qual um molde.

9 S. Freud, “Duas mentiras infantis”, p. 318

10 S. Freud, *op. cit.* p. 319.

estudando as lembranças de infância  
de duas pacientes adultas, Freud  
chega – mas será surpreendente  
de sua parte? – a uma  
significação edípica

para colaborar na aquisição de uma coroa de flores para o funeral da princesa reinante, que vem a falecer. Cada criança da escola deve contribuir com cinquenta *pfennig*. O pai lhe dá dez marcos; ela faz sua contribuição e deixa nove marcos na escrivaninha do pai, tendo usado o restante cinquenta *pfennig* na compra das tintas, que esconde no seu armário de brinquedos.”<sup>9</sup>

O pai desconfia da farsa, faz a pergunta. A filha mente, e nega ter subtraído o dinheiro. É traída pelo irmão, que a denuncia; ela recebe um castigo enérgico, confiado à mãe. Depois de tê-la punido, a mãe fica abalada pelo desespero da criança, que é enorme. A paciente de Freud considera esta experiência uma “virada” em sua juventude. A partir deste momento, ela se torna uma criança tímida e temerosa, quando antes era turbulenta e alegre. Relata outras lembranças de entrar em conflito com a mãe ou com o marido, por histórias de dinheiro e de autonomia.

Durante seu tratamento com Freud, ela se encontra em certo momento com falta de dinheiro, pois as somas que seu marido lhe envia chegam com atraso. Freud conta: “Depois que certa vez me contou isso, fiz-lhe prometer que me tomaria emprestada a pequena soma de que necessitasse, caso se repetisse a situação.”<sup>10</sup> Ela dá sua palavra a Freud, mas a situação se repete e ela penhora suas joias em vez de pedir-lhe o dinheiro emprestado.

A história continua, pois a paciente, como uma boa paciente, produz uma associação com uma lembrança mais antiga: aos três anos tinha tido como babá uma moça à qual era muito apegada. Esta moça tinha relações eróticas com um médico, e a menina a acompanhava em suas





*será que, por acaso,  
os teóricos da psicanálise  
não se tornariam fabuladores sem  
querer quando se trata de provar  
a consistência da sua teoria?*

consultas<sup>11</sup>. Freud supõe que a garota tinha sem dúvida sido testemunha de certas cenas sexuais. Depois desses encontros galantes, a jovem dava à menina algumas moedinhas para se assegurar de seu silêncio. A pequena, tendo brincado ostensivamente na frente da mãe com o dinheiro recebido, e sido interrogada a este respeito por ela, havia confessado a proveniência das moedas, traíndo assim o segredo da sua amada babá. Esta foi imediatamente despedida. Freud não faz nenhum comentário sobre a ferocidade da conduta dos pais, que arrancam brutalmente a moça da criança que era tão apegada a ela. Deduz que na cabeça dela se estabeleceu uma equação entre pedir dinheiro e ter uma relação sexual, necessariamente com pai.

Ele diz: “Ela não podia confessar que se apropriara do dinheiro, tinha de negar, porque o motivo do ato, para ela mesma inconsciente, não era confessável”<sup>12</sup>. O desmoronamento da criança se explica para Freud assim, pelo fato de que ao puni-la seu pai teria recusado a ternura que lhe era oferecida. Será que o desejo de obter o que queria, apesar da recusa do pai – recusa baseada ela mesma em uma mentira – e o temor diante da ferocidade do pai, não são suficientes para fazer perder a confiança de uma criança? Para lhe dar vontade de se proteger diante de um mundo tão contrário aos seus próprios desejos? Tenho uma grande admiração por Freud, mas muitas vezes, quando se trata de pais<sup>13</sup> e meninas, não posso segui-lo como gostaria de fazer.

O segundo exemplo conta a história de uma paciente que está deprimida e que se deprecia. Como prova, ela conta que já em criança era mentirosa e presunçosa. Um dia, na aula, a professora

tinha pedido às alunas que desenhassem uma cereja à mão livre. Ela havia trapaceado, e desenhado um círculo perfeito usando secretamente um compasso. Foi descoberta e humilhada. Mais uma vez, Freud chega a uma conclusão semelhante: ela havia se gabado e mentido para estar à altura de um pai idealizado, pai que desenhava muito bem, mas que por outro lado não estava à altura da admiração que sua filha lhe dedicava. Sua trapaça e sua mentira, explica Freud, estariam relacionadas ao desejo de seduzir o pai. Sem procurar causas edípicas e desejos de agradar ao pai, pode-se supor que uma criança queira brilhar aos olhos de sua professora por razões que lhe são próprias. Como Freud também é brilhante (!) quando quer demonstrar alguma coisa, sua coisa, sua causa, sua construção é eficaz, é quase convincente, mas não me convence!

Será que, por acaso, os teóricos da psicanálise não se tornariam fabuladores sem querer quando se trata de provar a consistência da sua teoria?

Se tivessem recorrido a Melanie Klein, ela teria encontrado outras causas, sem falar de Lacan, que teria sem dúvida encontrado um significante voando de uma sequência à outra, representando a falha de uma castração simbólica. E Maria Torok nos teria talvez encontrado algum ancestral mentiroso, cujo tesouro seria necessário preservar a todo custo. Outros ainda teriam encontrado uma depressão materna desconhecida para explicar a gabolice, etc, etc...

Quando se trata de encontrar uma explicação, as teorias se precipitam rapidamente, e todas têm uma palavra a dizer.

É por isto que preferi falar sobre a função da mentira em vez de dar explicações quanto ao conteúdo de uma mentira particular, que pode sempre se justificar. É preciso diferenciar o conteúdo de uma mentira, conteúdo latente ao qual Freud se apegava e analisa como um sonho, da sua função de barreira psíquica contra a violência do outro que ameaça o Princípio de Prazer. Os anglo-saxões, distinguindo o Si do Eu (*le Soi du Moi*) (que não se estrutura com o recalque, mas que é o lugar do íntimo), diriam que o Si protege o Eu

de uma dependência insuportável, até mesmo da regressão a uma rendição.

Todo pensamento já é afetado tão logo se efetua. A mentira é um pensamento afetado endereçado a alguém. Onde há uma mentira, há um afeto cuja significação pode ser importante descobrir, mas que exige, antes de mais nada, que seja compreendido o seu momento psíquico enquanto processo dinâmico de construção de uma barreira de proteção. A mentira nos interessa em psicanálise porque revela um processo em curso num dado momento.

A mentira é a explicação plausível para o outro a fim de manter em segredo uma dobra interior.

## Uma outra realidade

Assim, desde o início, a mentira pressupõe um destinatário.

A mentira, como qualquer obra, tem a cara do seu tempo. Pois o outro não é somente um pai isolado, mas todo um campo de crenças, um campo social. Isto vale sobretudo para o adolescente ou o adulto, mas a criança pequena também é atravessada pelo fluxo dos desejos e dos discursos dominantes. Um provérbio árabe diz: “O filho se parece mais com a sua época que com o seu pai”. A explicação é sempre da época. Procurem a nossa!

A mentira oferece o que o outro deseja ouvir, e o que a época exige.

A idade da adolescência ilustra da melhor forma tanto a produção da ficção feita sob medida quanto a necessidade de proteger um espaço do íntimo. É um momento difícil para todo mundo, mas é preciso dizer logo: são os pais, os adultos, que entram em pânico. Quando chega o momento

11 N. T.: No original, “rendez-vous”, palavra usada tanto para consultas médicas quanto para encontros, sejam eles amorosos, profissionais, pessoais, etc.

12 S. Freud, *op. cit.* p. 320

13 N. T.: No original, a autora usa a palavra “pères”, especificando “os pais” (figura paterna/masculina). No texto, este é um dos poucos momentos em que a autora se refere a eles especificamente. Em geral, nos demais, em que se optou por traduzir “pais”, foi usado o termo “parents”, que abrange tanto pais quanto mães.

14 Aqui, “Le parent”, genérico para pais e mães.

»  
*através da mentira, a criança  
acusa o pai ou a mãe  
de não compreender, e ao mesmo  
tempo os agride, agride por  
esta incompetência*

da adolescência, o casal parental frequentemente já está mais desgastado; ao menos no que diz respeito ao desejo sexual: se está um pouco sem fôlego. Permanecendo intacta a curiosidade sexual, como em todo mundo. Eles recebem no meio da cara aquilo em que tentam não pensar muito. O adolescente, na eclosão de seus ardores e com o modo desajeitado de suas escolhas, obriga-os a isso. As mentiras dele muitas vezes podem ser lidas como a interpretação da realidade imaginária na qual vivem seus pais. E então ocorrem surpresas, pois se revelam zonas de turbulência parentais em seu enredamento com as da época.

Se tantos pais desmoronam ao descobrir as mentiras dos filhos, é porque além da gravidade da mentira eles percebem (conscientemente ou não) o abismo que se abre entre a imagem sonhada que têm de seu filho e a imagem que a criança real lhes mostra deles mesmos, por intermédio da mentira. Toda mentira acusa seu destinatário.

Através da mentira, a criança acusa o pai ou a mãe<sup>14</sup> de não compreender, e ao mesmo tempo os agride, agride por esta incompetência. Não sou a favor de deixar mentir sem limites; os pais não podem se fazer de idiotas e fingir que engolem todas as mentiras.

Isso não impede que a mentira possa ser o último recurso para dizer: “você não passará”. O muro da mentira preserva a criança das angústias parentais que a verdade provocaria, e das suas próprias angústias, se tivesse escolhido ceder frente às exigências deles. Então “você não passará” no mundo que é o meu, onde eu crio o que quero, onde preservo o Princípio de Prazer.

Se nos abstermos de julgar, a mentira junta-se à brincadeira, à criatividade do “Faz de conta

que...”, e inventa para as necessidades da causa, as necessidades da sua causa. Às vezes a mentira é miserável, outras vezes rica em invenções, em reviravoltas. Ela se associa à capacidade de criar uma ficção.

“Minto, logo penso” é válido para qualquer mentiroso, mas ainda mais para a criança, porque ela é realmente dependente dos adultos. É preciso uma enorme dose de inteligência para criar uma boa mentira bem adaptada à realidade do outro. Através da mentira, a criança experimenta sua capacidade de pensar por conta própria, e isto de forma tanto real quanto ilusória. Simula um ato de liberdade. Como dizia Lacan, “A criança não tem o gozo do seu ato”. Como se diz o gozo de uma propriedade. “Minto, logo penso; logo existo por conta própria, um mundo surgido da minha onipotência, da minha capacidade de imaginar. Mas existo também no mundo do outro, graças a essa mentira fabricada sob medida, que me liga ao outro justamente me separando dele”.

#### Referência

Freud S. (1913/2010). Duas mentiras infantis. In *Obras completas* (vol. 10); São Paulo: Companhia das Letras

O preço a pagar por tais acrobacias revela-se por vezes desproporcional ao prazer que ele preserva.

Freud dizia que o Princípio de Prazer era garantidor da vida, e não apenas da vida psíquica, e que ele permanece ativo durante toda a vida. O Princípio de Realidade é no entanto necessário e inexorável, exceto para os artistas, que segundo Freud podiam ignorá-lo mais do que outros, porque com sua arte criam uma outra realidade (que tem suas próprias restrições que obedecem ao Princípio de Concepção).

Infelizmente, o ato criador não está sempre à altura do desejo de uma “outra realidade”. A mentira se torna então a única invenção possível face a uma realidade recusada. É a arte do pobre. Ou a arte pobre, “Arte povera”, na falta de um saber do bem dizer. E, sem esquecer o cortejo de desgraças ligadas à mentira, quer a precedam ou decorram delas, para concluir com alguma ênfase, vou dizer:

**A mentira é a face maldita do ato criador.**

#### I lie, therefore I am

**Abstract** In this text, written originally in 2002, the French psychoanalyst Radmila Zygouris sets the lie as a psychic resource that protects the subject against the indocility of the object and of reality. Removing it from a moralizing logic, she distinguishes between ordinary lies, the mythomaniac’s lies, and the psychotic’s lies. Above all, she draws an essential difference between a child’s and an adult’s lies, placing them on separate fields and proposing a personal reading of the child’s innocence, which deprives it of the ideal of purity sometimes attributed to it in social discourse. Finally, Radmila points out similarities between lying as a psychic resource, the act of creation and the ability to fantasize another reality.

**Keywords** lie, psychoanalysis, conception principle, creation.

**Texto recebido:** 08/2022

**Aprovado:** 10/2022